

Demografia e racismo

Negros acham que são racistas dados do IBGE

A discussão promovida na 39ª reunião anual da SBPC sobre a dinâmica demográfica da população negra no Brasil acabou gerando um confronto entre os cinco pesquisadores que compunham a mesa e os negros, que eram maioria na platéia. O bate-boca irritou os cientistas sociais e provocou o seguinte comentário do historiador Luiz Felipe de Alencastro, da Universidade de Campinas: "Se vocês estão irritados com o fato de só haver brancos na mesa, saibam que não barramos nenhum negro na porta."

Os pesquisadores usaram dados baseados nos censos do IBGE, o que motivou ácidas críticas dos negros. Estes argumentaram que a resposta do quesito cor apresentada no censo depende de declaração do próprio entrevistado, que nem sempre corresponde à realidade.

— Esses dados são racistas e comprometidos com a classe dominante do país — disse Edson Cardoso, candidato a deputado federal pelo PT do Distrito Federal não eleito e membro do Núcleo Negro do partido. A principal crítica referia-se ao fato de os dados do censo serem imprecisos, já que o próprio entrevistado diz sua cor, o que dificulta a análise dos dados. Para Cardoso, os pesquisadores estão baseando seus estudos em

"dados contaminados" e não são capazes de fazer uma análise sociológica dos resultados. "E o racismo, não entra?", questionou o petista, acusando os cientistas de não serem capazes de "cruzar e analisar as informações".

O sociólogo baiano João Lopes — também negro e integrante da platéia — engrossou o coro: "Acho imperdoável manipular os dados do censo sem uma análise política do que representam. É impossível chegar às conclusões apresentadas somente a partir desses números. Não existe dado demográfico puro, como não existe ciência pura. Essas informações não podem ser usadas isoladamente".

A cada intervenção de um negro, a platéia reagia com aplausos. Era claro o desconforto da presidente da mesa, demógrafa Elza Berquó, da Unicamp, Luís Felipe Alencastro e dos outros pesquisadores. Berquó chegou a reconhecer a imprecisão dos dados e as dificuldades metodológicas da pesquisa, mas salientou que não existe outra fonte de avaliação no país. Ela lembrou que foi exatamente durante uma reunião da SBPC em Brasília, há 10 anos, que foram aprovadas moções pedindo ao governo a reinclusão do quesito cor no censo. O quesito havia sido retirado no censo de 1970. Como resultado, ele voltou a constar do censo de 1980. Elza Berquó frisou que é hora de pensar "em novos métodos — talvez antropológicos — para aferir a real situação dos brancos, negros e mestiços brasileiros."

Brasil tem mais mestiços

Brasília — Luciano Andrade

Baseada em censos realizados pelo IBGE de 1940 a 1980, a demógrafa Elza Berquó, da Unicamp, apresentou trabalho na 39ª Reunião Anual da SBPC mostrando que nesse período houve redução no número de pessoas negras (de 15% para 6%) e brancas (de 64% para 55%) e um conseqüente aumento da população mestiça (de 21% para 39%). Uma das causas, segundo Elza Berquó, é que mais mulheres pretas (13,5%) do que brancas e pardas (8%) deixam de se casar. Ao mesmo tempo, mais homens pretos (8%) do que brancos e pardos (5,5%) ficam solteiros.

Outra questão apontada por Elza Berquó é a "competição desigual" entre mulheres brancas e negras pelos parceiros. Segundo seus dados, há um excedente de aproximadamente 2 milhões de mulheres na população brasileira. Desse excedente, a maioria é branca. No entanto, como há menos homens brancos do que mulheres brancas (a proporção é de 96 homens



Elza: constrangimento

para cada 100 mulheres) do que negros e pardos (102 homens negros e 102 homens pardos para 100 mulheres negras e 100 pardas), as mulheres brancas passam a competir "no mercado matrimonial com as negras". Acabam levando vantagem e, na falta de homens brancos, casam-se com os pretos, "deixando as mulheres negras mais expostas ao celibato", disse a demógrafa.

Ciência atrai visitante jovem

Uma bem-sucedida experiência de ensino de ciências para crianças e jovens, iniciada há um ano e meio na Universidade de São Paulo (USP), está fazendo sucesso na 39ª Reunião Anual da SBPC. Trata-se do Centro Interdisciplinar de Ciências (CIC), um programa que usa materiais baratos e fáceis de obter, como copos de papel, barbante, madeira e brinquedos para as crianças manipularem e descobrirem noções de física, química e outras ciências.

O coordenador do CIC, professor Fuad Assad, trouxe para a SBPC uma parte dos materiais para fazer uma exposição para professores. Não fez nenhuma divulgação para o público de Brasília e, agora, está surpreso com o número de crianças e adolescentes que, todos os dias, aparecem na exposição: são cerca de 200 crianças por dia. "Não sei como elas descobriram", espanta-se, feliz, o professor.

Um dos brinquedos que mais atraem os pequenos visitantes é um aviãozinho que fica girando sustentado em um arame e serve para ilustrar os conceitos físicos de massa, ação e reação. Com um copo plástico atravessado por um pedaço de barbante que tem na ponta um pedaço de metal, as crianças aprendem sobre a propagação do som: batem com o metal nas pernas das mesas e ouvem o som sair pelo copo. Soprando bolhas de sabão, elas aprendem a noção de tensão superficial e também descobrem o prisma pelo colorido das bolhas.

Segundo o professor Fuad Assad, em apenas um ano e meio foram criados, em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, 50 Centros Interdisciplinares de Ciências em escolas de 1º e 2º graus. Todos seguem o modelo do CIC pioneiro, da USP. Os centros, além de usarem sempre os materiais mais baratos, têm monitores, geralmente recrutados entre estudantes de graduação de todas as disciplinas, que são especialmente treinados para lidar com as crianças, estimulando sua criatividade

Energia nuclear — A presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), Carolina Bori, encontrou-se ontem com o presidente da República em exercício, Ulysses Guimarães, e lhe disse que a entidade já conseguiu mais de 60 mil assinaturas para a emenda constitucional popular sobre energia nuclear que está patrocinando. A emenda prevê o estímulo à pesquisa na área de energia nuclear e proíbe a fabricação, armazenagem e transporte de armas atômicas. Carolina disse a Ulysses que a SBPC também está preocupada com o tratamento que será dado a questões como educação, saúde pública e meio ambiente e afirmou que a entidade é contra a liberação de áreas indígenas para mineração. Ulysses prometeu a ela um encontro com as principais lideranças partidárias na Constituinte.

JB
17/107